

A RESPONSABILIDADE DOS CRISTÃOS NO MUNDO E NA IGREJA: O pensamento de Yves M.-J. Congar

1. Enio José da Costa BRITO, *O leigo cristão no mundo e na Igreja*. São Paulo, Loyola, 1980.

2. O termo "leigo", hoje, é pouco empregado. Utiliza-se mais "fiel leigo". No artigo empregaremos o termo "leigo" utilizado por Congar.

3. Paixão esta que se pode ter constituído na base de sua vocação dominicana e de sua profunda admiração por Tomás de Aquino. Diz Congar: "A busca da verdade pode inspirar uma vida. É isto que eu creio discernir na obra de Santo Tomás. É isto que explica o meu apego ao seu pensamento". Cf. J.PUYO, *Une vie pour la vérité*. Paris, Centurion, 1975, p.39.

Este artigo retoma sinteticamente algumas das idéias desenvolvidas no livro intitulado *O leigo cristão no mundo e na Igreja*.¹ Com sua publicação quer-se prestar uma especial homenagem a um dos "padres" da igreja atual, o Cardeal Yves M.-J. Congar, falecido em Paris, aos 91 anos, no dia 22 de junho deste ano.

O tema "leigo", tão estudado no pré-concílio, quase desapareceu dos índices bibliográficos. Numa conclusão apressada dir-se-ia que o problema do laicato não desperta mais interesse. Na verdade, vive-se hoje na Igreja um período no qual a "laicidade" não como argumento, mas como dimensão permanente, é onipresente.² Congar relembra-nos que num mundo secularizado, com problemas urgentes e complexos, a Igreja vive e viverá muito mais de sua base. Esta visão prospectiva acentua a importância que leigos e leigas têm e terão na vida da Igreja, Igreja que quer ser o sacramento de salvação para o gênero humano.

1. UM TEÓLOGO A SERVIÇO DA VERDADE E DO LAICATO

Uma das características da personalidade e da obra de Congar é a sua radical abertura para a verdade uma autêntica paixão por ela³, que se concretizava num diálogo leal e realista.

Congar tornou-se, assim, um teólogo sensível às idéias e aos problemas do nosso tempo. Ele mesmo nos diz no prefácio do livro *Un popolo Messianico: eu me esforço — sem fazer ilusão sobre mim — a ser fiel, no lugar em que fui colocado, à verdade como eu a vejo. Alguém dirá que o meu trabalho é uma "teologia do equilíbrio" ou acusar-me-à de "estar à janela" olhando o povo que luta. Se critico uma certa perspectiva, não é a*

primeira vez que falo contra a corrente: *Chrétien reunis, Vrai et fausse réforme de L'Eglise* foram anticonformismo ativo e oneroso durante a prisão... Não quero ser um "conservador", mas quero ser e sou um homem da tradição. E a tradição de maneira nenhuma é imobilismo: é a presença de um mesmo princípio em todo o momento de sua história. Eu, com toda a liberdade de espírito, *habito a Igreja*, mas quero que efetivamente ela seja sinal de amor libertador de Deus no itinerário freqüentemente dramático dos homens.⁴

Acompanhar o pensamento do Congar torna-se uma agradável surpresa, pois sua capacidade de receber estímulos e integrá-los é enorme. *Passado o Concílio, não aconteceu com o padre Congar o que aconteceu com vários teólogos: não se fixou nas posições conciliares nem, muito menos, se decepcionou com a herança conciliar. Pelo contrário, tentou avançar, reexaminando constantemente suas posições, enriquecidas com a escuta e com o diálogo com todos os que partilharam da sua paixão pela união entre cristãos.*⁵ Ele mesmo diz-nos que não se envergonha de ter evoluído e de estar ainda em busca, pois fez sua a fórmula de Agostinho *Assim, pois, investigamos como quem busca encontrar e buscamos como quem investiga.*⁶

Pode-se apontar, ainda, o forte impulso pastoral e espiritual que marca o seu trabalho científico seja ele bíblico, histórico ou especulativo, trabalho que quer ser um serviço à humanidade.⁷ Numa de suas cartas escritas da prisão pode-se ler: *Agora não poderei absolutamente trabalhar mais como se os homens não sofressem e certos estudos puramente acadêmicos ser-me-ão de agora em diante impossíveis.*⁸

Congar foi um dos mais importantes teólogos do laicato. Com a obra *Jalons pour une théologie du laicat*, escrita em 1953, marcou a passagem de uma reflexão teológica-espiritual sobre o laicato para uma autêntica teologia do laicato.⁹ Teologia que só pode ser compreendida dentro de uma eclesiologia total.

A primeira incursão de Congar no campo do laicato foi realizada numa atmosfera de crise e de tensões. Chegou a ela por dois caminhos: os estudos eclesiológicos e as exigências pastorais.

Desde 1929 dedicava-se ao estudo dos problemas eclesiológicos. No livro *Chrétien en dialogue* ele nos fala nestes termos de sua missão eclesial: *Minha vocação foi, creio eu, desde o início, ao mesmo tempo e pela mesma via, sacerdotal e religiosa, dominicana e tomista, ecumênica e eclesiológica.*¹⁰

À medida que se aprofundava nos dados oferecidos pela Escritura e pela tradição mais se convencia de que a Eclesiologia dos últimos séculos tinha um caráter demasiadamente jurídico e clerical. O tratado sobre a Igreja constituía uma autêntica "*Hierarcologia*". O espaço para o laicato era pequeno, quase nulo.

4. Yves M.-J. CONGAR, *Un Popolo Messianico*. La Chiesa, sacramento di salvezza. La salvezza e la liberazione. 2.ed. Brescia, Queriniana, 1977, p.8.

5. Luis SAPIANO, "Foi um grande inspirador do ecumenismo". Em: *O SÃO PAULO*, 12.07.95, p.8.

6. A fórmula agostiniana é: "Sic ergo quaeramus tanquam inventuri et sic inveniamus, tanquam quaesituri". (Santo AGOSTINHO, *De Trinitate*, IX, 1, 1. PL 42, 961.

7. A. AUER, "Yves M.-J. Congar". Em *Mysterium Salutis*. Supplemento. Brescia, Queriniana, 1978, pp.539-540.

8. M.J. LE GUILLOU, "Yves M.-J. Congar". Em: AA.VV., *Bilancio della teologia del XX secolo*. Ritratti di Teologi., v. 4. Roma, Queriniana, 1972, p.196. Para uma descrição da experiência de cativo, ver J. PUYO, o. cit., pp. 87-97.

9. Esta obra de Congar foi traduzida para o português como o título *Os leigos na Igreja*. Escalões para uma Teologia do Laicato. São Paulo, Herder, 1966.

10. Yves M.-J. CONGAR, *Chrétien en dialogue*. Contributions catholiques à l'Oecuménisme. Paris, Cerf, 1964, p.XIII.

O segundo caminho: o das exigências pastorais. Já antes da guerra, o contato com o laicato cristão obrigou-o a refletir não só sobre a essência do apostolado leigo, como sobre seu aspecto doutrinal.

Os escritos de Congar sobre o laicato deixam transparecer um autêntico “leitmotiv” que retorna constantemente tanto de maneira implícita como de maneira explícita: a **dimensão de responsabilidade**. Assim, entre os inúmeros temas relacionados com o leigo na obra congardiana, examinaremos dentro de uma perspectiva teológico-pastoral o da **responsabilidade dos leigos e leigas no mundo e na igreja**.

Num primeiro momento têm a responsabilidade no mundo: os leigos(as) são chamados a reconhecer e respeitar o sentido da criação, tarefa que não esgota as suas responsabilidades, pois devem colaborar para que o mundo chegue à plenitude. Em seguida, têm as suas responsabilidades na Igreja, lugar exemplar e revelador do desígnio de comunhão entre Deus e os seres humanos e deles entre si.

Vivendo um tempo no qual a Igreja, diz Congar, está para assumir um vulto novo ou melhor um vulto renovado, no qual muitos traços da Igreja se fazem presentes, o apelo à responsabilidade eclesial dos leigos e leigas cresce com o passar dos dias. Inseridos no movimento da ressurreição, isto é, debaixo do poder transformador do Espírito de Deus, recebem não só um chamado para serem responsáveis, mas também o dom da graça que os torna capazes de responderem ao apelo. Vejamos, em síntese, alguns marcos doutrinários do pensamento de Congar.

2. A RESPONSABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO

Tendo presente uma idéia muito cara a Congar: a da estreita ligação entre estrutura de pensamento ou de comportamento e estrutura de condições ou de estilo de vida, faz-se necessário não apenas indicar responsabilidades, mas chamar a atenção para as *tensões* que impedem os leigos e leigas de assumi-las.

Congar não só critica o “modelo de cristandade”, que durante tanto tempo marcou o relacionamento entre Igreja e mundo, pois para ele o ter *consciência da existência do mundo* é de fundamental importância, uma vez que permite à Igreja e aos leigos(as) assumirem suas responsabilidades, mas traça também as linhas de um novo modelo.¹¹ Seu modelo, chamado da *distinção de planos*, tem como eixo central a unidade fundamental do plano salvífico. **Igreja e mundo são situados diante do Reino**. Cada um tende à sua maneira para a plenitude do Reino. Tem, pois, a mesma finalidade última mas se distinguem ontológica e operativamente.

11. Congar retoma muitas vezes a temática da “Cristandade” em livros e artigos. Em *Jalons*, pp. 142-145 e 565-567; em *L'Église De Saint Augustin à l'époque moderne*. Paris, Cerf, 1970, pp. 51-52. Para aprofundar o “modelo da distinção de planos” ver Enio J. da Costa BRITO, op. cit., pp. 147-160.

A missão da Igreja comporta uma dupla dimensão: *evangelização e animação da civilização*.¹² Graças aos leigos e leigas, sujeitos próprios e insubstituíveis na realização de certas atividades no mundo, a Igreja realiza a animação do temporal.

Os leigos (as) devem pois “cristofinalizar” o mundo, não sacralizá-lo. A tarefa é antes de tudo fazer emergirem os valores propriamente terrestres em toda a sua plenitude para assim levá-los à meta da realização final.

No período conciliar, Congar enriquece sua compreensão da relação Igreja-mundo e passa a falar de dois modos de presença da Igreja no mundo.¹³ Uma presença na qual age por poder (presença hierárquica) e outra por influência (presença leiga). Acompanhar a reflexão de Congar sobre a relação Igreja-mundo é ter uma noção clara de sua capacidade de receber estímulos e integrá-los. Retomar uma questão para aprofundá-la ou delimitá-la melhor é um hábito do seu teologizar. Assim, gradualmente passou de uma concepção contemplativa da Igreja e da teologia para uma concepção mais imediatamente orientada para o serviço.

Neste contexto, Congar chamou atenção para a necessidade de uma recuperação da dimensão antropológica por parte da Igreja, especialmente por parte da teologia. Esta recuperação apresenta-se como uma das condições para se pensar uma teologia que assuma os homens e as mulheres com suas responsabilidades no mundo. Trata-se de dar à teologia a sua imprescindível conclusão antropológica: nenhuma consideração sobre Deus sem as conseqüências para o ser humano, nada de Evangelho sem os seus corolários éticos.¹⁴

Além disto, para Congar a responsabilidade de continuar o diálogo Igreja-mundo, de “cristofinalizar” o temporal, de ser uma presença por influência, só será operacionalizada por pessoas verdadeiramente cristãs. Elas personalizam a lei evangélica e compreendem que os cristãos não vivem encapsulados num “puro em si”, mas vivem a dimensão comunitária.

Esta perspectiva de vida implica uma verdadeira conversão, ato central da história do indivíduo na qual o Deus da graça e a liberdade do ser humano se aproximam um do outro numa espécie de diálogo e de condicionamento recíproco. O fato de reconhecer a Deus como valor supremo da vida não é algo que tira a responsabilidade da pessoa, mas convida-a ao risco da missão.

À esta exigência de conversão Congar acrescenta aquela de superar a oposição entre sagrado e profano que resulta de uma demasiada separação entre o sobrenatural e o natural e do esquecimento da dimensão relacional do sagrado.¹⁵

Congar, ao explicar a vocação dos leigos e leigas de serem uma presença no mundo, apresenta o diálogo e a cooperação como condições prévias para um inserimento responsável na construção do mundo, inserimento que é uma conseqüência da

12. Cf. Yves M.-J. CONGAR, *Sacerdoce et laïcat devant leurs tâches d'évangélisation et de civilization*. 2.ed. Paris, Cerf, 1965, p. 339.

13. Cf. Gustavo MARTELET, “A Igreja e o temporal. Rumo a uma concepção”. Em: Luis BARAUNA (org.), *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis, Vozes, 1965, pp. 577-595.

14. Cf. Yves M.-J. CONGAR, o. cit., p. 478. Com relação à ruptura da antropologia com a teologia ver: *Vaste monde ma paroisse*. Vérité et dimension du salut. Paris, Temoignage Chrétien, 1959.

15. Cf. Idem, “Situation du sacré en régime chrétien”. Em *La Liturgie après Vatican II*. Paris, Cerf, 1967, pp. 385-403.

fé. Aponta também com clareza a responsabilidade a ser assumida pelos leigos cristãos: *a de prestar serviço no plano das estruturas sociais*.

Este serviço constitui-se num autêntico “*praeambula apostolus*”. Não se trata de sacralizar estruturas mas de trabalhar para transformar as estruturas injustas, afim de que pessoas possam viver uma vida mais digna de filhos e filhas de Deus.¹⁶ Dos cristãos pede-se, ainda, uma presença profética que, no dinamismo da história, procure discenir e explicitar o plano de Deus. Por isso mesmo, devem ser sensíveis às aspirações de libertação tão presentes na humanidade.

Vivendo na história e sendo portadores de uma mensagem de libertação, devem assumir responsabilidades neste processo de libertação, uma vez que são chamados a se empenharem não por uma libertação parcial, mas pela libertação total. Para Congar, as libertações têm em si um valor salvífico, mas a salvação trazida por Cristo radicaliza-as e supera-as.

Os leigos e leigas, chamados a participarem no processo de libertação, devem traduzir no plano de ação, seja ela social ou política, ao lado das pessoas de boa vontade as componentes da mensagem profética. É verdade que a fé não oferece fórmulas, mas não sendo apenas um sentimento sublime sem implicações no real levará os cristãos à ação. Auxiliados por uma interpretação sócio-analítica, os leigos cristãos serão capazes de identificar as estruturas de pecado ou, num linguajar paulino, as “*potências deste mundo*”.

Congar, ao indicar as responsabilidades dos leigos e leigas na construção do mundo, vai concretizando-as gradualmente: “**crisofinalização**”, **ação nas estruturas e participação nos processos de libertação**, consciente de que o testemunho dado e a ação por influência e sem pretensão de autoridade é de um valor imenso.¹⁷

3. A RESPONSABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IGREJA

A percepção da íntima relação entre a visão eclesiológica e a visão acerca do laicato é uma das tantas intuições congardianas que hoje se tornam um patrimônio comum do pensar teológico. Uma visão unilateral da Igreja, não conseguindo harmonizar os seus diversos aspectos, acaba por fomentar um desequilíbrio teórico e prático entre a função hierárquica e a laical na comunidade cristã. Aquela concentra e exercita o poder, esta se submete e obedece.¹⁸

A noção “povo de Deus”, ao insistir sobre a existência cristã, relembra a igualdade fundamental dos fiéis. Nesta perspectiva, o primado cabe a *ontologia da graça* e não às estruturas,

16. Idem, *Sacerdoce et Laicat...*, p. 368.

17. Para uma visão mais ampla da presença evangélica dos leigos e leigas cristãos no mundo ver Enio J. da Costa BRITO, o. cit., pp. 181-207.

18. Cf. Yves M.-J. CONGAR, “L’Eclésiologie de la Révolution Française au Concile du Vatican, sous le signe d’affirmation de l’autorité”. Em *REVUE DE SCIENCES RELIGIEUSES*, 34 (1960), pp. 77-114.

pois acentua-se o que faz da Igreja uma comunidade através da participação de todos nos bens da vida divina. Assim, a estrutura hierárquica deve ser situada dentro da existência cristã como um serviço, eliminando a relação unilateral de superioridade-subordinação que por tanto tempo pautou o relacionamento entre clero e laicato.

A Igreja toda é chamada a ser sinal de unidade e esperança para todo o gênero humano. Congar, ao esforçar-se por dar aos leigos e leigas uma posição dentro da Igreja, relaciona, num primeiro momento, dois pólos: a hierarquia e a comunidade. Ambos estão unidos no único sacerdócio de Cristo, portanto, são distintos mas unidos. O princípio hierárquico vem acompanhado do princípio comunidade. Depois do Concílio, já numa perspectiva mais participativa, passa a falar de comunidade-ministérios.

No primeiro momento, pioneiro sob muitos aspectos, o ponto de referência para se pensar o laicato era ainda o sacerdote, enquanto que no segundo momento, o conceito chave é o da Igreja que precisa ser construída.¹⁹

A visão de uma Igreja organizada toda de cima para baixo, foi superada pela recuperação da noção "*povo de Deus*". Dentro de uma Igreja concebida como povo de Deus e corpo de Cristo, passa-se da oposição entre o clero e laicato a uma complementariedade, da complementariedade à descoberta da corresponsabilidade na missão. A noção *povo de Deus* dá início ao processo de *desclericalização* da Igreja. Tem-se pois uma base para se passar de uma Igreja que se apoiava primordialmente sobre o clero para uma Igreja toda ela ministerial.²⁰

A análise do Novo Testamento revela-nos a existência de *uma diversidade constitucional* eclesial - desigualdade ministerial dentro de uma igualdade fundamental, como sendo essencial à Igreja.

A concepção exclusivamente sacramental e hierárquica do ministério é consequência das reduções sofridas durante a história. O poder de Cristo é partilhado por todo o povo de Deus, portador do tríplice serviço. Os ministérios são funcionais, são estruturas de um corpo no qual cada membro tem seu papel para a vida de todos. Sendo serviços definidos apresentam certas características, que são sintetizados por Congar em três: que tenham uma certa estabilidade, que sejam um serviço para a Igreja e que sejam publicamente conhecidos e reconhecidos.

A possibilidade de assumir o exercício de determinados ministérios por parte dos leigos e leigas, oferece a eles uma oportunidade de viver de maneira nova a corresponsabilidade dentro da Igreja, além de quebrar a nível sócio-cultural-psicológico o isolamento entre clero e laicato.

A renovação dos ministérios não é um estratagema para superar a crise de vocações ou uma busca de novidade. Trata-se de

19. Leonardo Boff retoma esta questão ampliando-a, ver "Leigos e Ministérios", Em: CESEP, *Curso de verão - 1988*. São Paulo, Paulinas, 1988, pp. 149-163.

20. Cf Yves M.-J. CONGAR, *Ministeri e Comunione ecclesiale*. Bologna, Dehoniane, 1973.

21. A temática referente a “*teologia dos ministérios*” é estudada em Enio José da Costa BRITO, op. cit., pp. 59-91.

22. Cf. Yves M.-J. CONGAR, *Laicat*. Paris, Beauchesne, 1976, pp. 6-13.

23. Cf. Idem, “Christianisme comme foi et comme culture”. Em: *Evangelizzazione e culture*. Atti del Congresso Internazionale Scientifico di Missionologia, Roma, 5-12 ottobre 1975. Roma, Pontificia Università Urbaniana, 1976, pp. 83-103. Este artigo de Congar não utiliza o termo inculturação mas aponta para a problemática.

24. A temática da co-responsabilidade na missão e da catolicidade está longamente desenvolvida em Enio J. da Costa BRITO, o. cit., pp. 109-134. A leitura de dois documentos mais recentes pode completar o quadro com relação ao laicato. Ver CNBB, *Os Leigos na Igreja e no mundo*. Vinte anos depois do Vaticano II. São Paulo, Paulinas, 1987 e JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-Sinodal. Sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1989.

um esforço para fazer existir a Igreja. Estamos a caminho da superação de uma tensão que durante tanto tempo perdurou na vida da Igreja entre um clero responsável e um laicato passivo.²¹

Hoje os leigos e leigas são também chamados a colaborar ativamente na busca de uma espiritualidade que responda a sua missão, colaboração fundamental, pois, vivem intensamente a tensão que brota da tentativa de encarnar o absoluto de Deus na história. Para Congar a espiritualidade laical entrou em crise por ser uma espiritualidade monacal (clerical) que não respondia às exigências de um laicato responsável²². Profundamente intuitivo, Congar percebe que o problema da espiritualidade será um problema sem solução enquanto não assumir a pessoa inteira, isto é, enquanto não tomar a sério a pessoa real tal como ela existe no mundo e na sociedade concreta na qual vive.

Além de assumir a pessoa inteira, assume-se também a vontade de Deus. Ora, a vontade de Deus nos foi manifestada em Cristo Jesus. A mensagem de Cristo abrange a relação com Deus, com os outros, com a sociedade e com as instituições, relações profundamente marcadas pela dimensão de serviço. Para Congar, os elementos mais característicos da vida espiritual dos leigos e leigas no mundo são: vontade de Deus, serviço e engajamento. Uma autêntica espiritualidade laical levará os cristãos sensíveis à vontade de Deus, a viverem não segundo o mundo, mas no “*Senhor*” e para Deus no coração do mundo. A vida cristã dos leigos e leigas não interessa somente o ser da Igreja mas a sua missão no e para o mundo. Daí Congar lembrar a responsabilidade dos leigos e leigas na missão específica da Igreja: a de evangelizar.

O fato da Igreja ter acentuado a dimensão qualitativa da catolicidade — definida como a universalidade dinâmica da unidade — abriu espaço para que os cristãos participassem da missão evangelizadora da Igreja. A catolicidade, sendo uma nota atual e virtual da Igreja, deve ser atuada também pelos leigos cristãos. A problemática da catolicidade coloca a Igreja diante do delicado problema da inculturação da fé, isto é, o esforço de encarnar a mensagem evangélica em cada cultura.²³

Congar, seguindo a linha conciliar que diz serem os cristãos chamados a darem às novas Igrejas uma expressão própria segundo a cultura, aponta o papel insubstituível dos leigos e leigas no processo de inculturação da fé. A inculturação da fé envolve todo o povo de Deus seja no momento de encarná-la como no momento de reexprimi-la. Os cristãos pertencendo tanto à Igreja quanto à coletividade cultural são os portadores naturais da sensibilidade exigida para esta missão. Na opinião de Congar, os leigos e leigas mais aptos para realizarem esta missão são os autenticamente “*católicos*”, que têm como modelo “*Cristo encarnado*”.²⁴

Grandes perspectivas se abrem para os cristãos na Igreja: são chamados a colaborar para que a Igreja seja toda ela ministerial, a dar sua contribuição na busca de uma espiritualidade autenticamente laical e a participar intensamente na missão evangelizadora da Igreja. O pensamento de Congar sobre o cristão comum, *contendo indicações prospectivas*, continua sendo um ponto de referência para aqueles que querem refletir sobre o laicato.

Atualmente, a exigência de uma Igreja mais comunitária, a revalorização da dimensão evangelizadora do testemunho de vida e da capacidade de toda a Igreja para transmitir a fé, o esforço que vem sendo feito para que a Igreja-comunidade de culto seja inseparável da comunidade de ação e, enfim, o florescer da dimensão de serviço são pontos geradores de esperança para leigos e leigas.

Termino relembrando as palavras que me dirigiu durante um encontro em Paris, no verão de 1979. Neste período já estava adoentado e me recebeu numa cadeira de rodas. Na sua mesa de trabalho pude ver alguns livros de teólogos latino-americanos. Num determinado momento, colocou a mão sobre um deles e disse: *“Vocês estão no caminho certo, Ecclesia semper renovanda. Mas é preciso paciência, paixão e muita coragem”*. Guardei por longo tempo, o sorriso tranqüilo que acompanhou suas palavras. Tenho ainda o livro *“Laicat”* (Éditions Beauchesne) - com uma breve dedicatória - que me deu de presente no final do encontro.

Congar *“nos últimos anos de sua vida, acompanhou com alarme, um certo fechamento da Igreja por considerá-lo contramão ao evento conciliar. Ele, porém, sempre conservou a serenidade e especialmente seu amor apaixonado pela Igreja, que amou desde a sua infância. Sua contribuição foi finalmente reconhecida, embora tarde demais, com a honra cardinalícia na idade de 91 anos. Será sempre lembrado como um cristo e um frade dos mais evangélicos e dos mais leais à Igreja em nosso tempo”*.²⁵

Mesmo com todas as dificuldades do tempo presente, o laicato vive um tempo de esperança. A esperança cristã antecipa as possibilidades da realidade e por isto, ela não ilumina uma situação já decrépita, mas desperta a “paixão do possível”, produzindo e provocando ideais de amor em favor de Deus, de homens e mulheres e da terra.

25. Luis SAPIANO, “Foi um grande inspirador do ecumênismo”. p. 8.

Ênio José da Costa Brito
Professor de Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.